

## A TRADUÇÃO PELA PEDRA OU A METAPOÉTICA DO TRADUZIR EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO<sup>1</sup>

Carlos André C. de OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Genilda AZERÊDO<sup>3</sup>

### Resumo:

Este artigo analisa duas traduções para o inglês do poema *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto, realizada pelos tradutores Richard Zenith (MELO NETO, 2005) e Elide Valarine Oliver (OLIVER, 2001). Objetivamos identificar os procedimentos, recursos e estratégias tradutórias específicas envolvidas nas traduções em estudo em termos da metapoética do traduzir, além de investigar algumas das possíveis implicações culturais e ideológicas envolvidas no fazer tradutório do poema *A educação pela pedra* e da recepção de suas traduções em cultura e língua outras, no caso anglo-americanas. Este trabalho se inscreve dentro do campo interdisciplinar da Teoria Literária e dos Estudos da Tradução literária. Deste modo, mobilizaremos parte do arsenal crítico-metodológico advindo destes dois campos do saber a fim de procedermos à análise de nosso objeto de estudo. Face ao exposto, o leitor seguirá o seguinte itinerário investigativo: a) breve apresentação de informações extra-textuais relevantes para a compreensão do autor, do contexto e das traduções de suas obras; b) leitura crítica do poema *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto, com apreciação daquilo que consideramos mais relevante no poema de partida; c) breve revisão da literatura pertinente e fundamentação teórica e crítica das traduções poéticas; d) leitura crítica das duas traduções para a língua-cultura inglesa do poema *A educação pela pedra*; e) por fim, breve conclusão e síntese.

**Palavras-chave:** Tradução literária, João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*.

### Abstract:

This paper analyses two English translations of João Cabral de Melo Neto's poem entitled *A educação pela pedra* (*Education by stone*), carried out by the translators Richard Zenith (MELO NETO, 2005) and Elide Valarine Oliver (OLIVER, 2001). This study has the following aims: first, to pinpoint the procedures, strategies and literary devices particularly involved in the target language-culture poems on the basis of the *metapoetics* of translating; second, to investigate possible cultural and ideological implications involved in the translation process of the poem *A educação pela pedra* and the reception of their translations in other cultures and languages, in this case, in the English-speaking countries. This paper is based on the interdisciplinary interface between the fields of Literary Theory

---

<sup>1</sup> O presente artigo consiste na reescrita e recorte de um estudo mais amplo, originalmente escrito pelo mesmo autor para o Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Inglês da UFPB, em 2012, intitulado "A tradução pela pedra ou a metapoética do traduzir em João Cabral de Melo Neto", sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Genilda Azerêdo. O conteúdo aqui presente também fora apresentado e redimensionado para o trabalho final da disciplina "Tradução de literaturas não-canônicas" do Programa de Pós-graduação de Letras da UFPB, regido pelas professoras Dr<sup>a</sup>. Marta Pragana e Dr<sup>a</sup>. Luciana Calado.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB.

<sup>3</sup> Doutorado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela UFSC. Professora Associada III da UFPB.

and Translation Studies. For this reason, critical and methodological contributions from these two fields will be provided in order to examine our object of study. As a consequence, the reader is supposed to follow these investigative steps: a) brief presentation of extratextual data relevant to the understanding of the author, the background and the translation of his work; b) close reading of the poem *A educação pela pedra* indicating what is most essential to us in the source poem c) brief literature review concerning the theory and criticism of poetry translation d) close reading of the two translations to the English language and the anglophone culture e) lastly, a brief synthesis and conclusion.

**Keywords:** Literary translation, João Cabral de Melo Neto, *Education by the stone*.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa comparativamente duas traduções para o inglês do poema *A educação pela pedra*, do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Além do poema de partida, compõem nosso corpus os dois poemas de chegada para o inglês, realizados por Richard Zenith e por Elide Valarine Oliver, publicados, respectivamente, no livro *Education by stone: Selected poems* (MELO NETO, 2005, p. 169) e na revista especializada *Metre* (2001).

Nossa principal inquietação com este estudo é identificar os procedimentos, recursos e estratégias tradutórias específicas envolvidas nas traduções em estudo em termos da metapoética do traduzir, além de investigar algumas das possíveis implicações culturais e ideológicas envolvidas no fazer tradutório do poema *A educação pela pedra* e da recepção de suas traduções em cultura e língua outras, no caso anglo-americanas.

Elencar tais objetivos se deve a dois principais motivos: (a) em primeiro lugar, acreditamos que o fenômeno da tradução do texto poético é multifacetado, prismático e multiaxial, devendo ser abordado com metodologia interdisciplinar capaz de situar o objeto de estudo nos entremeios dos estudos literários e da tradução (b) em segundo lugar, se os objetivos forem interdependentes, podem ser discutidos de forma inter-relacional, favorecendo a compreensão mútua. O apreço pelo estudo comparado do poema e das traduções, enquanto objetos autônomos, mas também em relação textual-cultural, norteou nossa curiosidade investigativa.

A crítica da tradução poética se justifica, entre outras motivações, pois:

- a) a poesia constitui o caso-limite da problemática da tradução;
- b) desmistifica a objeção prejudicial acerca da impossibilidade de traduzir poesia;
- c) alarga as fronteiras nacionais da literatura ao assumir a voz do tradutor, pondo-a em diálogo com outras comunidades de leitores;
- d) contextualiza a contribuição teórica do texto poético e da linguística na prática tradutória;
- e) valoriza a tradução poética enquanto tal, isto é, um novo texto capaz de produzir significância própria, sem negar seu processo de criação interdependente ao poema traduzido.

Desse modo, levamos em conta as questões fundamentais acerca das traduções e do poema em estudo: O que é traduzido? Como é traduzido? Para quem é traduzido? Essas questões podem ser trabalhadas em conjunto com a intenção de compreender o processo global envolvido na confecção do poema-tradução. Nosso percurso metodológico tangenciará o estudo do poema *A educação pela pedra* e suas traduções à luz das contribuições linguísticas e literárias do texto poético. Trataremos da investigação do processo de tradução do poema para os poemas-meta em pauta com base nos subsídios teóricos dos estudos da tradução, especialmente da tradução literária (sobretudo BASSNET, 2002; LARANJEIRA, 1993; SNELL-HORNBY, 2006; VENUTI, 1995; BERMAN, 2007, 2004).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Compreendemos a tradução enquanto produto e processo. Há uma longa tradição de crítica pejorativa às traduções literárias como produtos inferiores, de segunda ordem, defeituosos por natureza. Vistos por um novo ângulo dos estudos literários e da tradução, a tradução pode ser estudada não apenas enquanto produto, mas também enquanto processo. Outrossim, o poema e os poemas-traduições são encarados sob a fértil perspectiva dos diálogos comparados entre línguas, culturas, contextos de produção e recepção.

A capacidade de transferência ou transposição criativa da poeticidade e significância de um poema para uma língua-cultura de chegada é compreendida em termos de *tradutibilidade*. Estudar a tradutibilidade de um poema pode envolver a investigação das traduções realizadas deste poema e das alternativas possíveis às traduções apresentadas. Por conseguinte, analisar as estratégias, procedimentos tradutórios, escolhas lexicais, entre outros aspectos utilizados em uma tradução poética constitui um exercício válido e fecundo para a crítica da tradução poética.

O desafio da tradução literária está em comunicar a poesia em outro corpo linguístico reconhecível como tal. José Paulo Paes compreende o poeta (criador) e o tradutor (recriador) “correlacionados por um nexo de proximidade ou congenialidade, mais que de inferioridade do primeiro em relação ao segundo” (1990, p. 46).

Mario Laranjeira, em *A poética da tradução* (1993), também formula um posicionamento crítico em relação à oposição depreciativa entre o poeta e o tradutor (-poeta):

[...] o tradutor está em pé de igualdade com o autor enquanto produtor de texto, realizador do poema na língua-cultura de chegada. É evidente que a operação tradutória tem as suas especificidades se comparada à criação original, o que tentaremos ver adiante; mas tais especificidades do traduzir não caracterizam o seu sujeito como um sujeito segundo e portanto secundário, inferior. O bom tradutor é o que produz um bom texto, um bom poema, autônomo, como objeto que, uma vez criado, passa a valer e a viver por si mesmo na relação que gera com seu leitor. (1993, p.38)

Concordamos com ambos os autores neste quesito, pois o reconhecimento da importância da presença da literatura traduzida passa pela valorização da atividade tradutória literária. Além desses dilemas entre “original” e “cópia”, entre poeta e “traidor”, motivados pela crença na intraduzibilidade irreduzível da poesia sob qualquer hipótese, há ainda uma celeuma nutrida pelos próprios poetas e estudiosos da tradução relativa à tradução poética do par forma/conteúdo. Diante da impraticabilidade ou *infactibilidade* da tradução *absoluta* do texto poético, isto é, perante a impossibilidade de fazer passar *o todo* do poema em uma língua-cultura meta, os tradutores, pesquisadores, poetas e leitores vez por outra levantam o seguinte questionamento: o que devemos priorizar na tradução, a “forma” ou o “conteúdo”? Esta incerteza, advinda da própria prática tradutória, assoma-se como uma das principais dificuldades da tradução do texto poético de serem resolvidas no nível da elaboração teórica. Por conseguinte, passaremos ao seu exame à luz de algumas contribuições surgidas do campo da teoria literária, da linguística e dos estudos da tradução.

José Paulo Paes, no capítulo *Sobre a tradução de Poesia* em seu livro *Tradução: A ponte necessária* (1990, p.35-53), argumenta acerca da contribuição da linguística para a prática e teoria da tradução de poesias, entre eles: os conceitos de poeticidade, de função poética (JAKOBSON, 1975), entre outros. Deste modo, a prática da tradução literária de poemas pode ser nutrida pelas experiências teóricas acerca do texto poético. Deste imenso arsenal teórico, destacaremos a contribuição dos estudos da significância (RIFFATERRE, 1978) para a tradução poética. No dizer de Laranjeira: “a tradução do poema será a função da sua maneira específica de produzir sentidos, a que chamamos ‘significância’. [...] Traduzir o poema sem perder a poeticidade será, então, traduzir a sua ‘significância’ ” (1993, p. 12).

Traduzir um poema consistirá em conduzir a significância ou poeticidade do poema de partida até um poema de chegada. Assim sendo, concordamos com Ortega y Gasset (*apud* PAES, 1990, p. 123) ao afirmar que o texto traduzido “não equivale ao original, mas é um ‘caminho’ até ele”. O poema traduzido *conduz* o leitor até o poema motivador de sua existência. Já em sua etimologia, podemos intuir esta acepção. Do latim *traducere* que significa “conduzir além, conduzir de um lugar para outro, transferir; dar a saber, publicar, divulgar; passar (o tempo); traduzir, verter, derivar (palavras)” (HOUAISS, 2001, CD-ROM). Traduzir, nesta direção, é prima de palavras como produzir, introduzir, deduzir e educar; e parente da palavra grega μεταφορά (*metaphorá*) significando *transposição, mudança*. Na transposição criativa de um poema para outra língua-cultura, não apenas as mudanças são inevitáveis, mas mesmo desejáveis para que a tradução passe a ser duplamente significativa na sua relação com o poema traduzido e com o leitor.

A atividade tradutória envolve ‘perdas’ e ‘ganhos’, ou numa linguagem menos valorativa e mais descritiva, envolve um jogo criativo de compensações. Consoante Paes (1990, p.38), a “compensação é a estratégia básica da tradução de poesia [...]”. A compensação é definida por Heloísa Gonçalves Barbosa como o deslocamento de um recurso estilístico, ou seja, “quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLT [texto em língua traduzida], um recurso estilístico usado no TLO [texto em língua original], o tradutor pode usar um outro, de *efeito equivalente*, em outro ponto do texto” (2004, p.69, grifo da autora). Por conseguinte, a tradução literária tende a ser mais bem sucedida quando procura aproximar-se do texto fonte pela recriação daquilo que cada poeta, tradutor e teórico chama de efeito (PAES, 1990; RONÁI, 1976; HORTA, 2004), significância (LARANJEIRA, 1994; BASSNET, 2002; RIFFATERRE, 1978),

*ostranenie*/estranhamento/desfamiliarização (JAKOBSON, 1973; formalistas russos), entre outros.

A fidelidade absoluta (*isomorfia*) da tradução a estas categorias acima elencadas de análise literária são defensáveis apenas no nível de formulação hipotética, provando-se inconcebíveis e contraproducentes na prática do tradutor. A busca incessante da equivalência supostamente total de um aspecto do poema em detrimento da significância total do poema tende a resultar em traduções insatisfatórias ou aquém do potencial tradutório permitido pelo poema.

Ao revés, a aproximação (PAES, 1990) ou *paramorfia* (CAMPOS, 1976) da reescritura literária antes, durante e após a leitura do poema tem sido um plano de trabalho adotado por diversos tradutores e poetas-tradutores como uma meta alcançável e frutífera. Por estas veredas parecem caminhar muitos tradutores, poetas e escritores profissionais. Mario de Andrade entendia a tradução de poesia como a “substituição de conseqüências estéticas” (*apud* PAES, 1993, p.116). Logo, Andrade admitia que cada poema pode produzir, em seu modo de dizer amplo, *consequências estéticas*. O tradutor estaria empenhado não apenas na recomposição genética do poema a partir da substância de outra língua, o que poderia redundar em um mero jogo de palavras interminável. Mas em compreender que as conseqüências estéticas possuem uma dimensão sociocultural e envolvem diferentes comunidades de leitores/falantes, o tradutor estaria comprometido em produzir as condições mínimas e necessárias para que a tradução possa se estabelecer enquanto tal, isto é, enquanto transposição de um texto em língua e culturas de partidas diferentes.

Traduzir poeticamente não envolve alterar o que o poema "*quis fazer*", no dizer de Valéry (*apud* Laranjeira, 1993, p.36, grifo do autor), mas possibilitar que as conseqüências estéticas produzidas pelo ato da leitura na língua de partida *encarnem* um novo corpo linguístico. A tradução de um poema não intenciona substituí-lo, pois o resultado da tradução do poema continua a ser um *metapoema*, isto é, um *caminho para* o poema de partida. Um poema ou tradução uma vez *feito/feita* (daí, *poiesis*) é insubstituível em suas marcas temporais, subjetivas e sócioideológicas.

A tradução, por ser um metatexto em relação direta com um texto anterior, pode ampliar o campo interpretativo do poema. Consoante Susan Bassnet (2002), os modos de leitura correspondem aos modos de traduzir. Cada leitura do tradutor pode gerar possíveis traduções, e cada tradução pode gerar possíveis leituras. Deste modo, a tradução poética enquanto reescritura literária emula as leituras decorrentes do poema, situado dentro de uma língua, cultura e história literária distintas. A tradução é, pois, portadora simultaneamente de independência linguística e dependência intertextual. A independência linguística é caracterizada pela recodificação em um sistema de signos verbais diferentes (JAKOBSON, 1975), enquanto a dependência intertextual é aquilo que nos faz reconhecer que um texto é a tradução de outro texto. No quesito tradução poética, a independência linguística e a dependência intertextual estão completamente imbricadas e são dissociadas momentaneamente pelo tradutor literário para reconstruir o material poético em outra apresentação verbal. Conforme Jakobson (1975, p. 72), “Em poesia, as equações verbais são elevadas à categoria de princípio construtivo do texto”. Logo, a dimensão intertextual da tradução literária motiva a existência da independência linguística. Atentar para esta dupla dimensão da tradução poética nos leva a ler a tradução poética tanto como uma tradução de um poema *anterior*, quanto como um poema próprio (ou seja, com material poético próprio, diferente do poema traduzido devido à mudança interlingual). Ao percebermos que o ato de escrever está permeado por muitos outros atos de leitura,

podemos afirmar junto a Bassnet que “the concept of intertextuality has given us the notion that every text is in a sense a translation” (BASSNET, 2002, p. 105).

A par destas contribuições, sintetizamos a tradução poética em termos da metapoética do traduzir. Por metapoética do traduzir, compreendemos esta volta linguístico-dialógica a um poema anterior com vistas a reproduzir um poema posterior que lhe seja semelhante ou reconhecível em significância poética. A metapoética da tradução do texto poético visa justamente fazer a poeticidade do texto *passar além*, atravessar para um outro texto. A metapoética configura-se como a metaconstrução do texto literário caracterizado simultaneamente pela independência linguística e pela dependência intertextual, levando-se em consideração que o poema de chegada será a conciliação destes dois domínios.

### 3. PARA LER A CARTILHA MUDA

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;  
para aprender da pedra, frequentá-la;  
captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
a de poética, sua carnadura concreta;  
a de economia, seu adensar-se compacta:  
lições da pedra (de fora para dentro,  
cartilha muda), para quem soletrá-la.  
\*

Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré-didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
e se lecionasse, não ensinaria nada;  
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,  
uma pedra de nascença, entranha a alma.

*Pela de dicção ela começa as aulas*, e assim começaremos a ler o poema, ou melhor, a pedra com todas as suas consoantes oclusivas, breves e secas. A repercussão de sucessivos estalidos em /d/, /t/, /k/, /p/ e /t/ em blocos semânticos de palavras esculpidas, tais como pedra-concreta-compacta-dentro, educação-aprender-captar-pré-didática-poética; aliada à incisão cirúrgica dos fonemas fricativos /v/, /f/, /s/ e líquido /l/ em palavras semanticamente afins entre si, opostas ou complementares às citadas acima, como *lição/lições, lecionar/lecionasse, soletrá-la, Sertão, impessoal, voz, flui/fluir, fria, fora, frequentá-la, inenfática* ao longo do poema sugerem um forte apelo sensorial à existência física da matéria-prima do poema: *sua carnadura concreta, seu adensar-se compacta*. A ausência de palavras com outros fonemas oclusivos em /b/ (com a exceção de *sabe*), /g/ e fricativos em /z/, /ʃ/, /ʒ/ revela-nos a consciência criativa do material linguístico mobilizado para a arquitetura do poema. Esta presença de consoantes duras e secas intercaladas com consoantes fluidas e suaves produzem uma sonoridade contrapontística, evidenciada no equilíbrio das palavras *pedra, pré-didática, concreta, compacta* de um

lado; por outro, em palavras como *alma*, *flui*, *aula*, *moral* e, ao meio, palavras híbridas do ponto de vista poético da sonoridade e semântica, como *dentro*, *fria*, *muda*, *nada*. Esta última camada de palavras é a mais abundante no poema e ecoa uma carga semântica marcada pela ausência, pela privação, pela carência e, por isso mesmo, tal repetição alude à necessidade de buscar recursos de *dentro para fora*, *de fora para dentro*, de entranhar, penetrar, adentrar, aprender com a pedra como sobreviver no *Sertão*:

No Sertão a pedra **não** sabe lecionar,  
**e se** lecionasse, **não** ensinaria **nada**;  
 lá **não** se aprende a pedra: lá a pedra,  
 uma pedra de nascença, entranha a alma.

Note-se a reiteração de construções negativas no fragmento acima focalizado em correlação íntima com a dêixis de lugar: *No Sertão a pedra não (...) e se (...) não (...) nada; lá não (...) lá a pedra, uma pedra de nascença (...)*. Os efeitos de sentido restritivos mobilizados por via do encarrilhar de orações coordenadas produzem uma leitura potencialmente polivalente em interpretações. Não apenas o leitor pode vir a ser contaminado pelo construto simbólico da *pedra* no *Sertão*, como também se integra no fazer-sentido ao reconhecer ou não o lugar da imagem-metáfora *pedra* na educação dos humanos que ali habitam. O poema enseja a participação do leitor na re-cognição do estado de vida, de *alma*, de *nascença* daquele *Sertão* habitado por homens e mulheres entranhados por uma *pedra pré-didática*. Travamos conhecimento com a *alma* (a *alma* do *Sertão*, do eu-lírico) e, por extensão, com a significância da *pedra* em sua incompetência de educar, reflexo da exiguidade de recursos, da minguagem desde a *nascença*, e mesmo da penúria em que uma *pedra* adquire relevância espiritual.

O uso pertinaz de uma pontuação seca e intervalar das vírgulas, dos dois-pontos e, sobretudo, do ponto-e-vírgula e dos parênteses interrompem a “fluidez” do fluxo sintático, enrijecem as extremidades dos versos, endurece a sonoridade plástica, concentra a argumentação poética em segmentos bem definidos e confere ao poema sua aparência lapidar. Como se o poema fora gravado em uma pedra, cuja dificuldade de inscrição e manuseio dos instrumentos recomenda uma sintaxe concisa, porém precisa. A superposição dos elementos fonológicos e sintáticos constitutivos do poema produz uma intercadência do discurso poético comparável a uma pedra sendo lapidada em sua superfície irregular. De outro modo, no verso “*lá não se aprende a pedra: lá a pedra,*” percebemos o espelhamento interno do verso provocado pela repetição das palavras *lá* e *pedra* em orações distintas, uma negativa e a outra afirmativa, cindidas pelos dois-pontos.

No nível vocálico, há ainda uma predileção pela sonoridade dos fonemas /e/, /ɛ/, /v/, /a/, /ẽ/, /ẽ/ representada pelas letras a, an/m, e, en/em durante todo o poema, com o seu clímax sonoro nos dois últimos versos:

lá não se **aprende a** pedra: **lá a** pedra,  
 uma pedra de nascença, **entranha a** alma.

É plausível compreender que estas ocorrências não são meramente arbitrárias, nem restringidas tão somente pelo léxico da língua portuguesa, nem tampouco fruto de uma hermenêutica pessoal, mas indicam a composição refrativa do poema em torno daquela palavra-centro, a *pedra*, da qual todas as outras tentam se aproximar, comportam-se como palavras-centrípetas. A palavra *pedra* já possui em si os componentes sonoros que serão

reaproveitados geneticamente em sucessivas mutações, desde *aprender, pré-didática até dentro*.

Deste último verso, ressalta-se a finalização do poema com uma palavra antípoda em relação a quase todas as outras do poema. A palavra *alma* se diferencia em sonoridade da maioria das outras palavras. Diametralmente oposta à palavra *pedra*, a palavra *alma* é abstrata, não-visual, sem densidade, referente a uma realidade interior, não objetiva. Seu conteúdo é objeto de estudo da filosofia, da religião, da psicologia, da arte, ao passo que a *pedra* remete a outro campo de saber concreto, empírico, positivo e despojado de qualquer outra consideração humana ou afetiva. O poema *A educação pela pedra* retira a palavra *pedra* de sua circulação comezinha e a reconfigura na dimensão visada da mensagem poética. A *pedra* é destarte incorporada ao discurso poético próprio do poema e estabelece novas redes de sentido e campos interpretativos. Não se trata de negar a acepção da palavra *pedra*, mas de qualificá-la literariamente, esteticamente. Em *A educação pela pedra*, a *pedra* não é despojada de sua concretude e materialidade associadas na vida real, mas estas características se manifestam em uma linguagem inaugural cujo sentido precisa ser acessado através do ato da (re)leitura capaz de conferir ao texto o que lhe é de direito. Neste sentido, a *alma* entranhada pela *pedra* não vem apenas para tornar complexa a já intrincada teia de significações existentes, mas sim para compor parte do que precisava ser dito pelo poeta em última instância. A busca pelas motivações da construção poética precisa ser realizada a princípio no seio da própria linguagem uma vez que quase nunca temos acesso ao contexto imediato e subjetivo da produção do poema. A *pedra* assume uma função actancial explícita no último verso, ela é o agente da ação de entranhar a *alma*. Nenhuma outra *pedra* seria capaz de entranhar nossas almas, nem *alma* nenhuma seria entranhada por uma *pedra*, porém a *pedra* e a *alma* compartilham entre si a mesma realidade do *Sertão*, coexistem e sobrevivem. A *pedra* codifica a condição de existência no *Sertão*. A *pedra* coexiste com a *alma*. A *pedra* habita desde a *nascença* e neste estado de coisas, somos educados por ela de forma *pré-didática, de dentro para fora*. Esta imagem-metáfora transporta as virtudes da *pedra* construídas no bojo da linguagem para o referencial cultural nordestino implícito no contexto sociocultural do autor e de seus leitores imediatos. Semelhantemente, a equivalência, troca de valores ou, ainda, a valência mútua no plano da confecção estética da linguagem estabelecida entre a *pedra* e *alma* produzem uma verdadeira lição de poesia.

Percebemos, ao longo da leitura do poema, a presença de efeitos isotópicos atrelados às palavras *pedra* e *educação*, sobretudo na última estrofe. A *educação* é o elemento de variação e a *pedra* o elemento de continuidade. *Lecionar/leccionasse, ensinaria, aprender/aprende, aulas, lição/lições* correspondem todos ao campo semântico da educação. A palavra *pedra*, além de ser recorrente, aparecendo nove vezes ao todo, também compartilha características simbólicas da *pedra* com outras palavras afins no plano da expressão, tais como: *fria, concreta, compacta*.

*Captar sua voz inenfática, impessoal*. A palavra *inenfática* não se encontra dicionarizada em três dos principais dicionários de língua portuguesa consultados, sendo eles o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2001), o *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* Caldas Aulete (AULETE, 2012) e o *Novo dicionário Aurélio* (HOLANDA, 1999). Podemos interpretá-la simplesmente como sendo o antônimo de enfático, ainda que a definição denotativa não se preste integralmente ao lugar desta palavra no poema. Os três dicionários mencionados definem a presença do prefixo in- enquanto negação ou privação, daí sua presença em termos como infeliz, invalidar, incolor, inclemente, inigualável, entre tantos outros. O *Dicionário Houaiss* (HOUAISS, 2001)



acrescenta que “a rigor, ocorrem por vezes usos de tal tipo, algo pedantescos: *inobstante, inocorrer, inacidente*”. Deste modo, a palavra inenfático poderia recair facilmente neste rol de pedantismos em muitos outros casos de circulação, menos neste poema, porquanto se integra à significância global do poema. Uma das lições da educação pela pedra consiste justamente em *captar sua voz inenfática, impessoal*. Note-se a reiteração do prefixo in- e seu equivalente im- (antes de p e b) denotando novamente a ausência, a carência, a privação ou, ainda, a continência, a abstenção. Esta voz sem ênfase da pedra produz uma entonação crua, seca, monofônica, mas capaz de grande economia, densidade e penetração *para quem soletrá-la*. Uma verdadeira anti-retórica despida de ornatos, pompas, circunlóquios e digressões parece ser a linguagem pela qual as lições desta *cartilha muda* foram escritas.

A pedra, este ser *impessoal*, assume a função de uma pedagoga *sui generis* na primeira estrofe, enquanto na segunda, *não sabe lecionar, e se lecionasse, não ensinaria nada*. Ora, qual a razão de uma mudança assim constatada? Se nos é lícito indagar, por que no Sertão a pedra adquire uma outra ontologia tão diversa e oposta da primeira? Mas quem é mesmo este educando da pedra? O que podemos aprender da pedra? Mais notório que o silêncio da pedra é o silenciamento de qualquer tentativa de individuação humana no arcabouço do poema. Infere-se a presença de um alguém, ainda muito indeterminado, nos últimos versos das estrofes: “(...) para quem soletrá-la” e “entranha a alma”. Mesmo assim, na primeira estrofe, a pedra comporta-se de modo estático, embora ocupe o centro: é preciso *frequentá-la, ser maleada*, aprendida, captada, soletrada. Suas *aulas* consistem na apreciação de suas qualidades distintivas, *sua resistência fria, sua voz inenfática, sua carnadura concreta, seu adensar-se compacta*. Mas quem a aprecia? Quem é este público implícito no poema?

A *pedra* participa metonimicamente da construção do heterocosmo deste *Sertão*. As particularidades da *pedra* podem ser estendidas ao universo cultural implícito no poema. Graças à unidade temática gerada pela recursividade poética das isotopias<sup>4</sup> da *educação pela pedra/lições da pedra* em múltiplas re-textualizações internas, a leitura do poema acaba por territorializar a pedra, isto é, concede ao leitor um lugar cultural para a compreensão do poema com vistas a rerepresentá-lo sob o prisma do material poético mobilizado pelo autor. Trocando em miúdos, o poema fabrica o *Sertão* sob o signo poético da *pedra*.

Há *uma* educação pela pedra e há *outra* educação pela pedra. Em sua primeira estrofe, a educação pela pedra possui uma didática muito própria, *por lições*, ser capaz de *frequentá-la, soletrá-la, captar sua voz*. Possui, ainda, conteúdos programáticos, *a de poética, a de economia, a de moral, a de dicção*. Conteúdos emanados das propriedades físicas da pedra tornadas estéticas para quem for capaz de ler esta *cartilha muda*. A educação pela pedra consiste precisamente no esforço humano de ler a pedra e dela extrair suas lições, *de fora para dentro*.

Mas qual o *dentro* que habita a pedra, sempre tomada em seu número singular no poema? Que pedra *ao que flui e a fluir*, pode *ser maleada*? Que pedra pode nos ensinar lições de moral e outras? Conforme já mencionado, o poema emula em si aqueles aspectos distintivos de seu objeto estético elegido. Mas não captaríamos a voz inenfática do próprio

<sup>4</sup> Segundo Fiorin (2008, p. 112), “Em análise do discurso, isotopia é a recorrência de um dado traço semântico ao longo de um texto. Para o leitor, a isotopia oferece um plano de leitura, determina um modo de ler o texto”.

poema, caso o encarássemos como sendo um poema sobre pedras, ou sobre a beleza exótica das pedras ou de uma pedra em especial, ou ainda de uma obsessão pessoal com pedras ou uma pedra em particular. Nesta direção, estaríamos fatalmente fadados a desperdiçar um poema ou produzir um compêndio de petrologia/litologia, ao invés do exercício da crítica literária.

Ao revés, o que parece ser proposto é uma verdadeira leitura da *pedra*, esta tomada como amálgama catalisadora do universo sociocultural ao qual o poeta endereça seu discurso. Em se localizando o poema em 1966, na esteira de uma já consolidada tradição literária de produções nordestinas que possui entre algumas obras *Os Sertões* (Euclides da Cunha), *Vidas Secas* (Graciliano Ramos), *Caminho de Pedras* (Rachel de Queiroz), *Pedra Bonita* (José Lins do Rego), apenas para citar o gênero romance produzido no nordeste do século XX atravessado pela temática do sertão, da seca e da miséria. Aqui, o poeta canaliza este imenso manancial criativo com origens nordestinas para o seu objeto estético: a *pedra* detentora de todos os traços que a tornaram distintivas de sua definição poética. Deste modo, o poema pode participar do *tópos* referente às produções literárias que versam sobre o Nordeste brasileiro cuja formação socioeconômica do país deixou cicatrizes históricas terríveis, sobretudo durante o processo de colonização das *plantations* da cana-de-açúcar no litoral nordestino. Benedito Nunes, em um lúcido capítulo sobre o livro *A educação pela pedra*, demonstra como o poeta está impregnado por esta *nordestinidade*: “O léxico desse livro, já o conhecemos bastante. Caatinga e canaviais, Recife, usina, sertão e pedra a serviço dos mesmos temas [...]” (NUNES, 2007, p. 95). Esta paisagem cultural marca indelevelmente o poeta João Cabral de Melo Neto e sua poética:

É mineral o papel  
onde escrever  
o verso; o verso  
que é possível não fazer.

[...]

É mineral, por fim,  
qualquer livro:  
que é mineral a palavra  
escrita, a fria natureza  
da palavra escrita.

O *mineral* possui grandes semelhanças em seu comportamento poético com a *pedra* na medida em que produz uma poética do mineral semelhante à poética da pedra. Esta concreção da experiência poética resultante do trabalho abstrato da representação da realidade perfaz uma “poesia de tensão crítica, seja no sentido de como lidar com os conteúdos da experiência, seja no sentido de como lidar com a experiência estética que vai conseguindo ‘inventar’” (GONÇALVES, 1989, p. 41). A apreensão dos traços performáticos do poema, isto é, daquilo que intenciona *fazer* em sua significância poética, é fruto da leitura/escrita gradativa do universo metalinguístico do poema. As *lições da pedra* (*de fora para dentro, de dicção, moral, poética e economia*) são reaproveitadas em uma *outra educação pela pedra*. A *pedra pré-didática, de dentro para fora, de caráter e amplitude atemporais*, pois “dotada de permanência simbólica desde os tempos primitivos” (GONÇALVES, 1989, p. 33), *entranha a alma*. Para João Cabral, tanto a *pedra*, quanto a

palavra, são minerais, são concretude essencial para a vida da poesia em suas dimensões éticas, humanas e sociais.

#### 4. JOÃO CABRAL *IN THE BACKLANDS*

Os poemas-traduições *Education by (the) Stone* (abaixo), traduções para a língua inglesa, da professora e poeta brasileira Elide Valarine e do poeta e tradutor estadunidense Richard Zenith, adquirem nova plasticidade ao leitor de *A educação pela pedra* em língua portuguesa ao transitar entre duas línguas-culturas singularizadas por histórias linguísticas e literárias incomunicadas durante séculos de tradições voltadas para o desenvolvimento interno de suas próprias forças artísticas. Remetemos aqui às impressões materiais, da ordem do sensível, motivadas pelas trocas intrasemióticas (JAKOBSON, 1975) entre o poema de partida e os poemas de chegada no tocante à suas *carnaduras concretas/concrete fleshness/concrete flesh*, isto é, aos signos linguísticos correspondentes às *imagens literárias*.

##### Education by the Stone

One education by the stone: with lessons;  
to learn from the stone, to attend to it;  
to capture its unemphatic impersonal voice  
(in diction, it starts its lessons).  
A moral lesson, its cold resistance  
to what flows, and flowing, to be drummed;  
one of Poetics, its concrete fleshness;  
one of Economics, its compact denseness:  
stone lessons (from the outside to the inside,  
a dumb speller) for those to spell it.

\*

Another education by the stone: in the Sertão  
(from the inside to the outside, and pre-didactic).  
In the Sertão the stone does not know how to teach,  
and if it taught, it would teach nothing;  
there, one does not learn the stone: there, the stone,  
a stone by birth, sinks into the soul.

Translated by Elide Valarine Oliver and Mac Oliver. In:  
OLIVER, Elide Valarine. João Cabral de Melo Neto. In:  
**METRE**. 11, Winter 2001/2. Available at: <http://metre.ff.cuni.cz/article/178> Accessed on 13 Nov, 2012.

##### Education by Stone

An education by stone: lesson by lesson;  
learning from the stone by going to its school,  
grasping its impersonal, unstressed voice  
(it begins its classes with one in diction).  
The lesson in morals – its cold resistance  
to what flows and to flowing, to being molded;  
a lesson in poetics – its concrete flesh;

another in economics – its compact weight:  
 lessons from the stone (from the outside in,  
 a speechless primer) to learn how to spell it.

\*

Another education by stone: in the backlands  
 (from the inside out, and predidactic).  
 In the backlands the stone does not give lessons,  
 and if it gave them, nothing would be taught;  
 there the stone is not something you learn  
 but is a stone from birth, penetrating the soul.

Translated by Richard Zenith. In: MELO NETO, J. C.  
**Education by stone: Selected poems.** New York:  
 Archipelago Books, 2005. p. 169.

Os poetas-tradutores mobilizam a duplicidade constituinte do poema cujo par da literalidade/literariedade assumem nova carnadura poética. Ademais, os procedimentos tradutórios no âmbito do poético não se respaldam pelo mesmo procedimento de um indivíduo que se despe e, em trocando sua vestimenta, permanecesse o mesmo indivíduo. A mudança de meio linguístico, ainda que assistida por procedimentos e competências tradutórias, produz mudanças sensíveis em nossa leitura do poema-fonte tomado isoladamente. Ainda assim, a formação discursiva dos poemas-traduições *Education by (the) Stone* e o lugar que estes poemas-traduições ocupam entre comunidades de leitores, permite-nos afirmar que eles são representantes linguístico-culturais legítimos do poema *A educação pela pedra*. Interessa-nos, portanto, compreender as tentativas de apropriação da textualidade literária do poema de partida em um esforço inédito de recodificação linguística em nova materialidade capaz de comunicar a significância global do poema “original”. Certamente, ainda que haja uma margem de interpretação do poema, a significância final das traduções será o resultado de uma complexa síntese entre a leitura do tradutor e a capacidade deste de retransmitir esta leitura para uma comunidade de leitores outra.

Ambas as traduções construíram canais de comunicação com o poema-fonte ao reproduzirem, por exemplo, o esquema estrófico em 16 versos distribuídos em uma décima e um sexteto. Por (re)produzir algo em uma tradução literária, recorreremos ao sentido de produzir de novo sem necessariamente repetir indiscriminadamente ou, ainda, ao sentido de recuperar virtualmente a instância criativa do poema. A pretensa convencionalidade com que se poderia tratar a tradução necessariamente em 16 versos simplesmente porque o poema de partida possui 16 versos certamente limitaria nossa leitura das traduções enquanto poemas retextualizados e neutralizaria as tomadas de decisão dos tradutores.

Em outras palavras, a tradução de uma rima por outra rima, ou de qualquer elemento estético passível de ser isolado por algo que lhe seja análogo no plano da expressão e do conteúdo não deve ser visto como um lugar-comum pelo qual todos os tradutores deveriam passar. De outro modo, as possíveis “equivalências” parciais encontradas no cotejo crítico do poema e suas traduções nos incitam a refletir sobre a metaconstrukção da tradução do poema. O que permanece? O que transita? O que resiste? Quais efeitos de sentido do poema ecoam em suas traduções? Em que medida o poema e suas traduções contribuem para a significância global causada pelas diferentes comunidades leitoras do poema *A educação pela pedra/Education by (the) Stone*? Quais os impactos da circulação do poema de chegada em esferas culturais outras?

Assim como ao procedermos à leitura de um poema dito “fonte”, levamos em consideração sua materialidade linguística, sua textualidade, sua discursividade, sua semiose, ou ainda, sua *poiesis*, estamos diante de um posicionamento de valorização da matéria-prima de nosso objeto de estudo: um poema. Contudo, advogamos que estas características não são imutáveis em si mesmas, mas constituintes do artefato literário à proporção que se inscrevem em uma rede de leitores que mobilizam e atualizam tais qualidades. De modo análogo, ao lidarmos com um poema-tradução, conduzimos em nossa análise este mesmo percurso gerativo, acrescido o fator determinante deste poema-tradução remeter-se diretamente em sua própria construção a um hipotexto, isto é, a um texto que lhe precede em história e acontecimento.

A esta *metaconstrução* da tradução do poema, chamamos a *metapoética* do traduzir. Por conseguinte, o poema traduzido produz um metapoema ou um poema-tradução. Por *metapoética*, assumimos que os poemas (o traduzido e as traduções) passam a conviver em rede discursiva, retroalimentando nossa interpretação a cada leitura de cada poema. O poema e o metapoema promovem a intertextualidade literária ao seu nível explícito, escancarado. A leitura do poema *Education by (the) Stone* é a leitura em flagrante do diálogo intertextual com o poema *A educação pela pedra*. A metapoesia enquanto prática tradutória de poesia revela-nos a *refração* da poeticidade do poema de partida devido à mudança de meio linguístico, cultural, ideológico e social.

Um exemplo dos limites desta refração causado pela prática *metapoética* da tradução pode ser discutido através da significância abarcada no vocábulo *Sertão* em *A educação pela pedra* (MELO NETO, 1966), *Sertão* em *Education by the Stone* (OLIVER, 2012) e *backlands* em *Education by Stone* (MELO NETO, 2005). O tradutor e teórico da tradução Lawrence Venuti, em *The translator's invisibility* (1995), traz à baila os conceitos de domesticação e estrangeirização na prática tradutória, em especial a literária, a partir do reexame das contribuições do romantismo alemão, sobretudo aquelas de Schleiermacher. Pelos termos ingleses *domestication* (em português, domesticação) e *foreignization* (em português, estrangeirização) ou por seus equivalentes em alemão *angleichendes* (em português, assimilação) e *verfremdendes* (em português, alienação; VEERMER *apud* SNELL-HORNBY, 2006) compreende-se

that translation can never be completely adequate to the foreign text, Schleiermacher allowed the translator to choose between a **domesticating** method, an **ethnocentric reduction** of the foreign text to target-language culture values, bringing the author back home, and a **foreignization** method, an **ethnodeviant pressure** on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad. (VENUTI, 1995, p.20 *apud* SNELL-HORNBY, 2006, p. 145, grifos da autora)

Logo, diante da impossibilidade de tornar *legível* o contexto cultural do texto estrangeiro, o tradutor procederá optando entre a dicotomia de ora estrangeirizar (conduzir o leitor em direção ao autor e seu contexto), ora domesticar (conduzir o autor em direção ao leitor e seu contexto). A par destas formulações, Venuti (1995) parece aconselhar a prática da estrangeirização vista de uma perspectiva ética anglo-americana do século XX: “Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations” (VENUTI, 1995, p. 20). De outro modo, as traduções *domesticantes* consideradas “fluentes” operariam a invisibilidade do tradutor. Assim, Venuti advoga a visibilidade dos tradutores literários através da prática da estrangeirização, como seria o

caso do uso de uma ordem sintática incomum, de palavras arcaicas, enfim, recursos estilísticos que recuperassem o status de texto estrangeiro.

Percebemos esta dicotomia de forma mais evidente na tradução do termo *Sertão* entre as traduções de Elide Valarine e Richard Zenith. Muito embora ressaltarmos que a tradução poética não se valha somente da tradução de palavras tomadas isoladamente, pois o texto em seu conjunto produz um conteúdo cultural. Devemos levar em consideração a significância interna das palavras na cadeia de significantes do poema a partir de seus múltiplos componentes linguísticos, quais sejam: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, etimológicos, entre outros.

A tradutora Elide traduz *Sertão* por *Sertão*. Apesar de *Sertão* na tradução conservar os mesmos traços gráficos do poema de partida, ainda assim constitui-se em uma tradução plena. Queremos dizer, a palavra *Sertão* no poema *Education by the Stone* funciona discursivamente enquanto palavra-tradução tanto quanto a palavra *Stone* ou qualquer outra palavra inglesa dicionarizada e de uso corrente na comunidade de leitores anglófonos. O mais curioso é que apesar de graficamente/visualmente ser a mesma palavra, certamente a palavra *Sertão* em *Education by the Stone* produzirá efeitos de sentidos diversificados em relação à palavra *Sertão* em *A educação pela pedra*, pois, conforme já mencionado, as palavras em um poema não significam *per se*, ou seja, em si mesmas, mas tecem a intrincada rede de significações do fazer poético.

Os versos da tradutora Elide Valarine, [...] *Another education by the stone: in the Sertão/ [...] In the Sertão the stone does not know how to teach*, produz ainda outras variações no quesito linguístico. Por questões de espaço e escopo, elencaremos apenas o ponto de vista fonológico contrastivo. O português é uma língua marcadamente silábica (*syllable-based language*), ao passo que o inglês é considerado uma língua “tônica” ou “prosódica” (*stress-based language*). Esta mudança linguística já causa aos tradutores dificuldades de ordens diversas no âmbito da tradução poética, uma vez que a escansão métrica dos versos ingleses é semelhante à escansão em pés (*feet*) dos versos gregos antigos, daí os versos iâmbicos, trocaicos, pentâmetros, todos baseados em variações de unidades de tempo alternadamente longas e breves. A inserção de *Sertão* em ambos os versos desestabiliza as expectativas de um verso perfeitamente escandido em língua inglesa, choca os *ouvidos* anglo-americanos, provoca o *estranhamento* (*ostranenie*, *остранение*, em russo, termo usado pelo formalista russo Viktor Chklovski) com a língua do outro, abre um canal de diálogo do leitor em língua inglesa com uma palavra profundamente atrelada ao imaginário do povo nordestino brasileiro, chama a atenção para si pela sua duplicidade de poema e tradução; e garante, ao seu turno, efeito estético próprio. Na terminologia dos estudos da tradução em língua inglesa, ambos os versos citados acima seriam exemplos de estrangeirização. Não cabe a nós deliberarmos se este efeito de estrangeirização necessariamente produz ou não os resultados esperados por Venuti (1995) contra o etnocentrismo ou imperialismo cultural. Contudo, ponderamos que a tradução de *Sertão* por *Sertão* certamente desloca o centro ideológico do leitor de dentro de suas fronteiras culturais internas para alhures, para o lugar do *outro*.

Ainda que a *seca*, a *brabeza* dos animais, da caatinga, do sol a pino, o *misticismo*, o *couro*, entre tantos outros elementos bioculturais, não sejam palpáveis, transparentes, ou acessíveis para os leitores além-mar da poesia brasileira nordestina do século XX, reputamos valiosa a legibilidade que o termo *Sertão* possa vir a ter em comunidades de leitores mais amplas, como já acontece pela via midiática com termos não apenas portugueses, mas brasileiros, de palavras como *samba* e *favela*, ambas com características socioculturais do eixo sul do país. Não que não haja favelas ou sambas no Nordeste, ou

áreas áridas no Sudeste, não obstante estas palavras estarem intimamente associadas a certas discursivizações, e não a outras.

O teórico francês Antoine Berman, em *L'épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, de 1984, eleva a importância da presença do outro nas traduções como fator determinante para uma ética capaz de traduzir o outro em suas diferenças linguísticas e culturais. Nas palavras de Berman, "L'essence de la traduction est d'être ouverture, dialogue, métissage, décentrement. Elle est mise en rapport, ou elle n'est rien" (*apud* VICENTINI, FERREIRA, PEIXOTO, 2008, p.190). Novamente, nos versos [...] *Another education by the stone: in the Sertão* / [...] *In the Sertão the stone does not know how to teach*, somos remetidos ao que a professora Maria Clara Castellões de Oliveira chama de "a importância da tradução da letra, ou seja, da adoção de uma ética da diferença, nos termos de Antoine Berman" (OLIVEIRA, 2011, p.101). Graças à tradução da letra em *Sertão* será possível aos leitores em língua inglesa acessarem o poema em função da língua do outro. Devemos, por fim, acrescentar que a validade ou qualidade da tradução independe a priori das escolhas tradutórias entre a dicotomia da domesticação e/ou estrangeirização, ou seja, as traduções não deveriam ser balizadas com base nas suas qualidades intrinsecamente domesticadoras ou estrangeirizantes, mas na significância global destes fatores no funcionamento do poema-tradução.

Sendo assim, os versos [...] *Another education by stone: in the backlands* [...] *In the backlands the stone does not give lessons*, traduzidos por Richard Zenith, podem ser considerados exemplos de domesticação da prática tradutória. A palavra sertão possui origem obscura e seria derivado do latim *desertánu-* (HOUAISS, 2001), alusivo à área despovoada, árida, abandonada, isolada. O significado denotativo da palavra sertão não é de difícil empreitada, porém, os empecilhos se avolumam quando temos em mente uma tradução em outra língua que valorize o contexto simbólico, ideológico e cultural em que a palavra sertão está envolvida, sobretudo em se tratando do poeta pernambucano João Cabral. Recentemente, a mídia tem noticiado a pior seca dos últimos 40 anos. Dos últimos 40 anos, pois a seca dos anos 60 ainda hoje é considerada como a pior dentre as piores condições socioeconômicas do país. Esta mesma seca era contemporânea do poema e livro *A educação pela pedra*, de 1966.

Consequentemente, no poema, *Sertão* não é culturalmente falando, simplesmente, *countryside, the country, provinces, rural areas, rural districts, rural backwaters, backwoods, hinterland, outback, (the) bush, backcountry, the sticks, an isolated area, a village, the land, the regions, the rest of the country, the middle of nowhere, the boondocks, (the) wilds, wilderness, backblocks, wastes, wasteland, desert, emptiness, dust bowl, moorland*, (OXFORD, 2007; OXFORD, 2005; OXFORD, 2013 ; LONGMAN, 2009; COLLINS, 2013; CAMBRIDGE, 2013), ainda que cada uma destas palavras possa em alguma medida tangenciar algo do sertão nordestino.

Consideremos, ainda, que a utilização do termo *backlands* pelo tradutor e poeta Richard Zenith pode ter sido influenciado em alguma extensão pela famosa tradução de *Grande Sertão: veredas* por James L. Taylor e Harriet de Onis, intitulado *The devil to pay in the backlands*. James L. Taylor é ainda autor do importante *Webster's Portuguese-English Dictionary*. Antônio Houaiss, profundo conhecedor da língua latina, portuguesa e inglesa, tradutor de *Ulysses* de James Joyce para o português, em seu também importante *Dicionário Webster's inglês-português* traduz o verbete *backlands* pela única definição de *sertão* (HOUAISS, 2005). Em face desta recorrência do termo *backlands* em dicionários especializados e em traduções literárias bem reconhecidas como a de James L. Taylor e Richard Zenith, por exemplo, somos levados a refletir sobre a importância da construção

de uma tradição da literatura brasileira em língua inglesa. De acordo com os dicionários *Oxford English dictionary*, *Collins English dictionary*, *The American heritage dictionary of the English language*, *backland(s)* é sinônimo de outras palavras como *backcountry* ou *wilderness*, significando “sparsely inhabited rural areas” (OXFORD, 2013), “undeveloped land in rural areas” (COLLINS, 2013) ou “an uninhabited or sparsely inhabited area, especially one not accessible by roads or regular public transportation” (AMERICAN HERITAGE, 2013). Neste ponto, destacamos que apesar de haver sinônimos para *backlands*, este termo se tornou o mais recorrente ao traduzir *sertão* em virtude de uma tradição discursiva de sucessivas escolhas tradutórias ao lidar com o texto literário brasileiro.

Ao levarmos em consideração as diferenças conotativas entre *backlands* e *Sertão*, percebemos a importância da tradução literária na tentativa de resolução da existência de assimetrias culturais entre a língua portuguesa e a inglesa, isto é, na possibilidade de comunicar um dado cultural na língua do *outro*. A palavra *sertão* para a comunidade leitora brasileira comunica um contexto climático, geográfico e social *específico* de nossa cultura. No poema de partida, a palavra *Sertão* consiste, pois, em uma chave de leitura para a significância do poema. Além disso, o poeta João Cabral trabalha literariamente o contexto educacional do *Sertão*. Conferir ao termo *backlands* a conotação da palavra *sertão* é de alguma maneira retextualizar a visibilidade da formação de identidades culturais brasileiras,

marcadamente nordestinas.

Por ora, ainda em relação a outras escolhas lexicais das traduções, analisemos o lugar da *pedra* nos poemas de chegada. No tópico 2.2, discutimos a importância da *pedra* para a construção poética ou para aquilo que o poema quis fazer, retomando Valéry. A palavra *pedra* certamente não é acessória na sintaxe poética de *A educação pela pedra*. Para comprovarmos, basta lermos o poema elidindo-a e a seus referentes e perceberemos que o poema permanece não apenas inacabado, mas nitidamente apagado, borrado, extraviado.

Tomemos, como exemplo, os versos iniciais *Uma educação pela \*: por lições;/ para aprender da \*, frequentá-\* [...] ou ainda os versos finais [...] lá não se aprende a \*: lá a \*/ uma \* de nascença, entranha a alma*. Estes exemplos demonstram que o poema se cala ao retirarmos dela *sua voz inenfática, impessoal*. Em ambas as traduções, *pedra* é invariavelmente traduzido por *stone*. *Stone* /stəʊn/ possui uma sonoridade mais abafada, com menor ressonância e sem o estalido onomatopaico do encontro consonantal *pedra*. Como já observado, a sonoridade de suas consoantes p-d-r reaparece em *aprender, aprende, pré-didática, dentro, concreta*, etc. Com dificuldade, seríamos capazes de encontrar *stone* reverberando no seio de ambos os poemas-traduções. Por outro lado, em *Education by the Stone* de Elide Valarine, há grande recorrência dos fonemas /p/ e /t/ ao longo de todo o poema. Estamos diante, portanto, da metaconstrução do poema-alvo com reaproveitamento do material linguístico disponível na língua-cultura alvo.

Outro exemplo da importância da metapoética do traduzir refere-se à consistência terminológica quando aplicada no campo da tradução poética. No poema de partida, a *pedra* aparece nove vezes distribuída no título e em seis versos. A palavra *stone* está presente nove vezes na tradução de Elide Valarine e oito na tradução de Richard Zenith, em comportamentos sintáticos (*word order*, regência) semelhantes ao poema de partida, conforme podemos observar no quadro contrastivo abaixo.



Autor/Tradutor	João Cabral de Melo Neto	Elide Valarine Oliver	Richard Zenith
Título	A educação pela pedra	Education by <i>the</i> Stone	Education by Stone
Verso I	Uma educação pela pedra: por lições;	<i>One</i> education by <i>the</i> stone: <i>with</i> lessons;	<i>An</i> education by stone: lesson <i>by</i> lesson;
Verso II	para aprender da pedra, frequentá-la;	<i>to</i> learn from the stone, <i>to</i> attend <i>to</i> it;	learning from the stone <i>by</i> going <i>to</i> its school,
Verso XI	Outra educação pela pedra: no Sertão	Another education by <i>the</i> stone: in the <i>Sertão</i>	Another education by stone: in the <i>backlands</i>
Verso XIII	No sertão a pedra não sabe lecionar,	In the <i>Sertão</i> the stone does not <i>know</i> how <i>to</i> teach,	In the <i>backlands</i> the stone does not <i>give</i> lessons,
Verso XV	lá não se aprende a pedra: lá a pedra,	there, <i>one</i> does not learn the stone: <i>there</i> , <i>the</i> stone,	there the stone is not <i>something</i> [ <i>you</i> learn
Verso XVI	uma pedra de nascença, entranha a alma	a stone <i>by</i> birth, <i>sinks</i> into the soul.	<i>but</i> is a stone from birth, <i>penetrating</i> the soul.
Nº de palavras/ pontuação	44	57	52

QUADRO COMPARATIVO NA TRADUÇÃO DA PALAVRA PEDRA

Percebemos ainda através da computação de palavras e de sinais de pontuação, que ambas as traduções utilizam mais palavras que o poema de partida, oito a mais na tradução de Richard Zenith, e treze a mais na tradução de Elide Valarine em relação aos fragmentos selecionados. Apesar de o inglês ser considerado uma língua com sintaxe mais sintética que o português, o gênero poético em uma língua de partida dificilmente é reproduzido em outra língua com o número aproximado. Influi ainda a concisão de estilo de João Cabral de Melo Neto que lhe é tão característica. *A educação pela pedra* é uma verdadeira *lição de economia* de como dizer tudo com pouco, ou de acordo com o dito popular, de *tirar leite de pedra*.

A maioria das palavras se repete em ambas as traduções: *stone, education, learn(ing), poetics, economics, flesh(ness), spell, pre(-)didactic, concrete, compact, outside, inside, lesson(s), impersonal, voice, diction, moral(s), cold, resistance, flow(s)(ing), another, taught, learn, there, birth, soul*. Conquanto haja grande recorrência em comum das palavras, os dois poemas de chegada não são confundíveis e possuem as marcas estilísticas de seus tradutores. É sintomático e revelador que nenhum verso dos poemas de chegada se repita integralmente, apesar da aparente simplicidade, crueza e rigor lógico da enunciação poética dos versos de João Cabral. Elide Valarine, por exemplo, prefere a utilização de construções com atributivos, tais como: *moral lesson, stone lessons*. Ao passo que Richard Zenith verte *the lesson in morals, lessons from the stone*, inclusive mais consoante com a ordem sintática de João Cabral: *a lição de moral, lições da pedra*.

Há três construções em Elide Valarine que nos soam bastante idiossincráticas: *to be drummed, a dumb speller, sinks into the soul*. Richard Zenith traduz estes fragmentos por *to being molded, a speechless primer, penetrating the soul*. Por outro lado, Elide Valarine procura seguir o ritmo da enunciação, como nos versos III e IV a seguir: *to capture its unemphatic impersonal voice/(in diction, it starts its lessons)*. Note-se a inserção da vírgula (*in DICtion, it sTARts its LEssons*) no poema de chegada em uma tentativa de recuperar a pausa rítmica do poema de partida (*pELA de dicção ELA comEça suas AULas*) em um

verso que trata justamente da prosódia da pedra. Na tradução de Zenith, há maior concisão ao traduzir de forma mais idiomática o verso IX (*from the outside in*) e o verso XII (*from the inside out*). No penúltimo verso, Zenith não traduz o espelhamento interno do verso *there the stone is not something you learn*, ao passo que Valarine segue o poema de partida *there, one does not learn the stone: there, the stone*. Por fim, o uso do artigo definido em *the stone* é mais presente na tradução de Valarine.

Ainda no tópico 2.2, comentamos sobre a importância da pontuação para a significância do poema. O tradutor Geir Campos comentando sobre a tradução de pontuação nos diz:

Paulo Rónai, exímio tradutor e professor de línguas, diz, entre outras coisas, que até os sinais de pontuação podem ter significados diferentes, em várias línguas, e que não podem ser passados de uma língua para outra, de um texto para outro, tal e qual se encontram na primeira delas, ou no primeiro deles. (CAMPOS, 1986, p. 69).

De modo geral, os tradutores seguem a pontuação do poema de partida, com algumas exceções. Os parênteses tão caros ao poema permanecem intocáveis em ambas as traduções. O uso da vírgula é sem dúvida o sinal de pontuação de maior variação em ambas as traduções devido às mudanças sintáticas do poema de chegada, sobretudo no poema de chegada de Zenith em virtude da substituição da vírgula por *dashes* (travessões). Conforme o *Collins English dictionary online* (2013), a definição de *dash* é “the punctuation mark —, used singly in place of a colon, esp to indicate a sudden change of subject or grammatical anacoluthon, or in pairs to enclose a parenthetical remark”. Apesar da variação na pontuação, o travessão é empregado com bastante consistência em relação ao texto de partida, como observamos nos versos V, VII, VIII: *the lesson in morals – its cold resistance [...] a lesson in poetics – its concret flesh; another in economics – its compact weight*.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos poemas *A educação pela pedra/Education by (the) stone* trouxe-nos à tona reflexões sobre os vínculos humanos entre literaturas – traduzidas ou não – produzidas sob o signo da alteridade, isto é, enquanto fenômeno comunicativo, humano, interterritorial, intertemporal e intercultural em que o Outro é nosso interlocutor privilegiado.

Consideramos que a produção de poemas de chegada, enquanto tradução e resgate cultural das leituras do poema de partida, contribui sensivelmente para a formação de identidades culturais. Em nosso objeto de estudo, observamos a *interface* estabelecida entre a dimensão “brasileira” (sobretudo, a *nordestina*) e a dimensão anglófona, isto é, dos povos de língua inglesa e falantes do inglês enquanto segunda língua.

Ao analisarmos como a metapoética do traduzir em *A educação pela pedra* se processa através das traduções de Richard Zenith e Elide Valarine, ou ainda, como a significância é metaconstruída nos poemas-traduições em línguas-culturas de chegada, percebemos que a produção de novos efeitos de sentido não se opera nas relações horizontais e burocratizadas entre “perda” e “ganho”, entre “déficit” e “superávit”. Dificilmente uma única teoria pode apanhar toda a complexidade prática da atividade

tradutória. Observamos, por exemplo, como a intraduzibilidade não-linguística de ordem cultural da palavra *Sertão* no poema de partida pode(ria) produzir a intraduzibilidade linguística. E como esta intraduzibilidade linguística pode(ria) ampliar as fronteiras culturais da língua de chegada graças à atividade tradutória, como no caso da tradução de *Sertão* por *Sertão* ou *backlands*.

Para que os poemas de chegada passem a ser lidos como poemas com autonomia linguística, é preciso valorar as traduções em seus acontecimentos *processuais*, e não mais como decalques disfarçados. A atividade tradutória, bem como a literária e a languageira, constituem-se em atividade humana *par excellence* e sofrem todo o jugo das experiências humanas da incerteza, do quase, do demasiado, do porém, mas também da beleza, da diversidade, da subjetividade e da tecnologia.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN HERITAGE dictionary of the English language, The. Disponível em <http://ahdictionary.com/> Acesso em 1 de fevereiro, 2013

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete*. Lexicon Editora Digital, 2013. Disponível em <http://www.auletedigital.com.br/download.html> Acesso em 8 jan. 2013.

BASSNET, Susan. Specific problems of literary translation. In: *Translation studies*. London and New York: Routledge, 2002. pp.79-110.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução*. Campinas: Pontes, 2004.

BERMAN, Antoine. Tradução etnocêntrica e tradução hipertextual. In: *A tradução e as letras: ou o albergue do longínquo*. Trad. de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: Sete letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *L'épreuve de l'étranger: culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard, 1984.

CAMBRIDGE advanced learner's dictionary. Disponível em <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/> Acesso em 3 de fevereiro, 2013.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: editora Brasiliense S.A., 1986.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: *Metalinguagem, ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Cultrix, 1976.

COLLINS English dictionary. Disponível em <http://www.collinsdictionary.com/> Acesso em 2 fevereiro, 2013.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo dicionário Aurélio eletrônico - século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática Ltda, 1999. 1 CD-ROM.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Positivo, 2001. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Webster's inglês-português*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: *Linguística e comunicação*. Trad. Izadoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. Linguística e Poética. In: *Linguística e comunicação*. Trad. Izadoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

LARANJEIRA, Mario. *Poética da tradução*. São Paulo: EDUSP, 1993.

LONGMAN dictionary of contemporary English. 5<sup>th</sup> edition. Essex: Pearson education limited, 2009. 1 CD-ROM

MELO NETO, João Cabral. *A educação pela pedra (1962-1965)*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

\_\_\_\_\_. *Education by stone: selected poems*. Trad. Richard Zenith. New York: Archipelago Books, 2005.

MERRIAM-WEBSTER dictionary of English. Disponível em <http://www.merriam-webster.com/> Acesso em 01 de fevereiro, 2013.

NUNES, Benedito. A educação pela pedra (1962-1965). In: *João Cabral: a máquina do poema*. Brasília: UNB, 2007. p. 95-100.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões. A construção das éticas de tradução de textos literários a partir da experiência: a interação entre academia e a sociedade. In: *Gragoatá*. Niterói: EdUFF, 2011.

OLIVER, Elide Valarine. João Cabral de Melo Neto. In: *METRE*. 11, Winter 2001/2. Available at: <http://metre.ff.cuni.cz/article/178>. Accessed on 13 Nov, 2012.

ORTEGA Y GASSET. Miseria y splendor de la traducción. In: *Misión del bibliotecario*. Madrid: Revista de Occidente, 1967.

OXFORD dictionary of synonyms and antonyms. 2<sup>nd</sup> edition. Oxford: Oxford University Press, 2007.

OXFORD advanced learner's dictionary of current English. 7<sup>th</sup> edition. Oxford: Oxford University Press, 2005.

OXFORD British and world English dictionary. Disponível em <http://oxforddictionaries.com/> Acesso em 8 de fevereiro de 2013.

PAES, José Paulo. Sobre a tradução de poesia; Metáfora e memória; e outros In: *Tradução: a ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990. p. 33-90.

PEIXOTO, Marta. "No idioma pedra": A educação pela pedra. In: *Poesia com coisas*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

RIFATERRE, Michael. *Semiotics of poetry*. Bloomington and London: Indiana University Press, 1978.

SNELL-HORNBY, MARY. *The turns of translation studies: New paradigms or shifting viewpoints?* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.

TAYLOR, James L. *Webster's Portuguese-English dictionary*. 18<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

VENUTI, Lawrence, *The Translator's invisibility*. London: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. *The scandals of translation: Towards an ethics of difference*. London: Routledge, 1999.

VICENTINI, Albertina; FERREIRA, Alice; PEIXOTO, Elane. Questões sobre tradução. In: *TradTerm*, 14, 2008. p. 177-192. Disp. em <http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v14n1/v14n1a10.pdf> Acesso em 02 de novembro, 2013.

RECEBIDO EM 20-03-2015  
APROVADO EM 14-04-2015